

Análise linguística do discurso jornalístico sobre o trabalho da doméstica

(A linguistic analysis on the journalistic discourse about housemaid work)

Priscila Lopes Viana¹

¹ Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

priscilaviana@gmail.com

Abstract: This article is part of a doctoral research (supported by CNPq – Process 142704/2009-1) which aims to investigate representations about housemaid work. In the analysis speeches produced by a group that belongs to the Brazilian society (artists, social and cultural organizations, etc) are analysed. In this article we, specifically, analyze the news story entitled “Sem discriminar domésticas custo dobra”, published in *Folha de São Paulo* on August 31, 2008 by Rolli and Fernandes. The analysis is based on the conceptual apparatus of Sociodiscursive Interactionism (BRONCKART, 1999) and the contributions of Discourse Analysis (FARIA, 2005; FIORIN, 1989; MAINGUENEAU, 1984; etc.).

Keywords: language and work; discourse analysis; housemaid.

Resumo: Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutoramento (apoio CNPq – Processo 142704/2009-1) que tem como objetivo investigar representações sobre o trabalho da doméstica, analisadas a partir de discursos produzidos por parcelas da sociedade brasileira, como artistas, organizações sociais, culturais etc. Neste artigo, especificamente, analisamos a reportagem jornalística intitulada “Sem discriminar domésticas, custo dobra”, publicada na *Folha de São Paulo* em 31 de agosto de 2008 por **Rolli e Fernandes (2008)**. Para a realização dessa análise, utilizamos o aparato conceitual do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999) e as contribuições da Análise do Discurso (FARIA, 2005; FIORIN, 1989; MAINGUENEAU, 1984; etc.).

Palavras-chave: linguagem e trabalho; análise de discurso; empregada doméstica.

Introdução

Desde o início da história da humanidade, a espécie humana percebeu que se organizando coletivamente poderia assegurar a sua sobrevivência. O trabalho e as divisões de tarefas são organizados através da linguagem, o que revela seu papel primordial nas relações e no processo de desenvolvimento dos humanos. A relação entre a linguagem e o agir humano é intrínseca: a linguagem se desenvolveu (e se desenvolve) nas e para as interações humanas.

Ao conceber que a linguagem desenvolve-se na e para a interação, Bronckart (1999, p. 137) sustenta que os textos, na escala sócio-histórica, são, “produtos da atividade de linguagem em funcionamento”. Vale apontar que o autor designa texto como “toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário” (BRONCKART, 1999, p. 137). Nesse sentido, nas formações sociais, indivíduos elaboram textos de diferentes gêneros para facilitar o sucesso da interação e alcançar seus objetivos. Assim, uma considerável parte dos gêneros textuais que circulam em uma sociedade deriva dos trabalhos coletivos exercidos pelos membros dessa sociedade.

Baseado em reflexões propostas por Lacoste (1995) - analista das situações de trabalho - oriundas da filosofia, Nouroudine (2002, p. 17) refere-se à linguagem como um dispositivo capaz de revelar a complexidade do trabalho e constrói um diálogo reflexivo com Lacoste (1995). Tais reflexões giram em torno da abordagem elaborada por Grant Johnson e Kaplan (1979, p. 2-10), para os quais a relação trabalho/linguagem configura-se em três modalidades: a “linguagem sobre o trabalho”, “a linguagem no trabalho” e a “linguagem como trabalho”.

Interessa-nos, em nossa pesquisa, a linguagem sobre o trabalho que, de acordo com Nouroudine (2002), refere-se às produções de saberes sobre o trabalho. Assim, selecionamos para o *cópus* deste artigo a reportagem jornalística “Sem discriminar domésticas, custo dobra”, publicada na *Folha de São Paulo* em 31 de agosto de 2008 por **Rolli e Fernandes (2008)**. **Nela há diversos posicionamentos em relação à trabalhadora doméstica e ao seu trabalho:** do próprio jornal que publica a reportagem jornalística, **de um advogado da área trabalhista**, do presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), da presidente do sindicato das trabalhadoras domésticas do município de São Paulo e da presidente do sindicato dos empregadores domésticos do Estado de São Paulo.

Por meio do aparato conceitual do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999) e das contribuições da Análise do Discurso (FARIA, 2005; FIORIN, 1989; MAINGUENEAU, 1984; etc.), buscaremos, por meio das análises de alguns segmentos dessa reportagem jornalística, compreender um pouco a complexidade da relação que se estabelece entre linguagem e trabalho.

Alguns fundamentos teóricos

Bronckart (1999, p. 12-13) e seu grupo de estudos aderem a proposições teóricas derivadas de uma “psicologia da linguagem” guiadas pelos princípios epistemológicos do “interacionismo social”. O autor toma as unidades linguísticas (sejam fonemas ou textos) como representações das condutas (ou das propriedades das condutas) humanas. Nesse sentido, objetivando estudar as condições de funcionamento e de aquisição das condutas humanas, exploram-se descrições e interpretações dessas unidades linguísticas propostas pelas ciências dos textos e/ou dos discursos.

Analisa-se as condutas humanas através do quadro interacionista-social como “ações significantes” (ou “ações situadas”), cujas propriedades estruturais e funcionais são consideradas como produto da socialização. Por meio de uma perspectiva herdada de trabalhos de Vygotsky (1991) e, também, de filósofos e sociólogos como Habermas (1987) e Ricoeur (1986), acredita-se que as ações imputáveis a agentes singulares fundam-se no contexto da “atividade” em funcionamento nas formações sociais. Em relação às capacidades mentais e consciência desses mesmos agentes humanos, acredita-se que são elaboradas no quadro estrutural das ações. Portanto, concebem-se as condutas verbais como formas de ação ao mesmo tempo específicas (por serem semióticas) e interdependentes das ações não verbais.

A adesão a uma psicologia interacionista-social levou Bronckart (1999, p. 14) a abordar o estudo da linguagem em suas dimensões textuais e/ou discursivas, pois, por um lado, o autor compreende que as ações de linguagem humanas são somente e empiricamente observáveis nos textos e/ou discursos (a língua seria apenas um construto e as frases e

morfemas seriam apenas “recortes abstratos”); por outro lado, as relações de interdependência entre as produções de linguagem e seu contexto acional e social manifestam-se de forma mais nítida no nível dessas unidades globais.

No modelo de análise textual do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), Bronckart (1999, p. 119) propõe que todo texto é organizado em três níveis (camadas) superpostos, e em parte interativos, que constituem o “folhado textual”: a arquitetura interna dos textos, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Essa divisão de níveis de análise é concebida pelo autor como necessidade metodológica para se desvendar a complexidade da organização textual.

Na hierarquia do autor, a arquitetura interna dos textos seria o nível mais profundo. Constitui-se pelo plano geral do texto, pelos tipos de discurso, pelas modalidades de articulação entre seus tipos de discurso e pelas sequências que casualmente aparecem no plano geral do texto. No nível intermediário, estariam os mecanismos de textualização, constituídos pela conexão, coesão nominal e pela coesão verbal. No último nível - o mais “superficial” - estariam os mecanismos de responsabilização enunciativa, os quais cooperam mais para o estabelecimento da coerência pragmática (ou interativa) do texto, pois, além de contribuírem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos, traduzem as várias avaliações em relação ao conteúdo temático.

Por sua vez, Faria (1999; 2000) investiga os implícitos e os explícitos presentes nos textos, tanto em relação à identificação das personagens, tempo e espaço quanto em relação aos elementos semânticos tema e figura. As principais categorias analíticas utilizadas pelo autor são do intradiscurso e do interdiscurso.

Faria (1999, p. 16) busca compreender como se relacionam o nível interdiscursivo e o intradiscurso na formação discursiva. O autor questiona se, no interdiscurso, as contradições constitutivas têm sempre o mesmo grau de antagonismo, ou há contradições qualitativamente diferentes. Além disso, reflete se há mediações entre os dois níveis quando as contradições do interdiscurso são simuladas no intradiscurso.

Inicialmente, Faria (1999) observa que Maingueneau (1984, p. 10) formula um conceito de formação discursiva (sistema das restrições, das condições de boa formação semântica) compatível à noção de discurso de Fiorin (1989, p. 31). Este autor concebe o discurso como uma unidade do plano do conteúdo que só se manifesta ao unir-se a um plano de expressão. Deste modo, um texto surge quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão. Além disso, vale ressaltar que Fiorin (1988, p. 32) compreende a unidade do plano de conteúdo como “um conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo”.

Ao investigar a obra *Germinal*, de Émile Zola, publicada em 1885, Faria (1999, p. 17) constata que se trata de um texto que articula dois principais planos de conteúdo, o discurso proletário e o naturalista. Tendo Maingueneau (1984) a concepção de que o discurso somente se constitui em interação com outros discursos, Faria (1999, p. 18) conclui que “o discurso só existe enquanto interdiscurso, interação de discursos”; e que “a identidade discursiva só existe enquanto ‘identidade relacional’ (FIORIN, 1996, p. 132), pois o discurso define-se por relação a outro(s)”.

O nível do interdiscurso é estudado por Maingueneau (1984, p. 27) que o decompõe em três instâncias: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Para o autor,

a primeira instância é de pouca utilidade analítica, pois, para ele, o universo discursivo é apenas o ponto de partida para a focalização dos domínios passíveis de análise, ou seja, os campos discursivos.

Faria (1999, p. 21) afirma que o conjunto de formações discursivas é abrangido no conceito de campo discursivo. Essas formações delimitam-se mutuamente em uma região determinada do universo discursivo e relacionam-se em “enfrentamento aberto” ou em “aliança”. Como exemplo do enfrentamento aberto, o autor cita em *Germinal* a formação discursiva burguesa e a proletária. Para exemplificar a aliança, as formações discursivas naturalista e proletária presentes em *Germinal* são citadas.

Dentro de subconjuntos dos campos discursivos, denominados por Maingueneau (1984, p. 29) de espaços discursivos, são estabelecidas relações pelas formações discursivas. Faria (1999, p. 22) designa como espaços interdiscursivos os espaços discursivos para estabelecer uma distinção clara entre os aspectos semânticos interdiscursivos e os aspectos intradiscursivos. Sendo, para Maingueneau (1984), o espaço discursivo uma parcela do interdiscurso, Faria (1999) assume a redundância implícita na expressão que adota, isto é, espaço interdiscursivo.

As relações de contradição são uma das relações semânticas dentro de cada espaço interdiscursivo. Como aponta Fiorin (1997, p. 234), são as diferentes vozes sociais, com seus diferentes pontos de vista sobre um mesmo objeto, que caracterizam o gênero romance; poderíamos afirmar, até mesmo, que caracterizam qualquer texto, uma vez que Fiorin e Savioli (1996, p. 29) reconhecem que os textos possuem como propriedade intrínseca o fato de se constituírem a partir de outros textos. Para os autores, a duas concepções diferentes é remetido um texto: uma que ele defende e outra que ele combate por estar em oposição à primeira.

Em relação ao caráter constitutivo da contradição no interdiscurso, Faria (1999, p. 23) aponta que pode haver ocorrência de contradições distintas qualitativamente. Isto é, pode ser necessário estabelecer diferença entre a contradição fundamental e as demais contradições determinadas ou influenciadas pela primeira.

Refletindo sobre as contradições constitutivas do interdiscurso, Fiorin (1996, p. 162; 1997, p. 243) investiga a possibilidade de simulação dessas contradições no intradiscurso. Para o autor, o romance é singularizado por tal possibilidade. Para Faria (1999, p. 25), a mediação na passagem do primeiro nível ao segundo é outro aspecto que se relaciona à simulação do interdiscurso no intradiscurso.

Faria (1999) postula que são as condições históricas de produção do discurso, pertinentes para as relações entre o campo discursivo literário e outros campos discursivos, as mediadoras da simulação do nível interdiscursivo no intradiscursivo. Além disso, o autor afirma que as condições de produção situam-se no universo discursivo, constituindo-se parcelas do conjunto das formações discursivas.

O autor comprova sua postulação a partir de *Germinal*, pois, segundo ele, a contradição interdiscursiva capital x trabalho e a sua simulação no intradiscurso não são exclusividade desse romance. Contudo, *Germinal* é o único que realiza tal simulação da primeira à última linha, embasado nas condições históricas francesas (Revolução de 1789).

Ao adotar a categoria de contradição na análise do interdiscurso, bem como da sua simulação no intradiscurso, Faria (1999) salienta o fato de já estar descrevendo a

organização intradiscursiva. A principal categoria descritiva do intradiscorso, utilizada pelo autor, é a de percurso semântico. De acordo com Faria (1999, p. 28), um ou mais percurso(s) semântico(s) – temático(s) ou figurativo(s) – faz(em) parte do interior da formação discursiva, no seu intradiscorso.

O autor nomeia “predicado intradiscursivo” o conjunto de percursos semânticos, temáticos ou figurativos, no intradiscorso de uma formação discursiva. Portanto, o conjunto de temas e figuras articulados no intradiscorso de uma formação discursiva, a partir de sua organização em percursos semânticos, temáticos ou figurativos, é abarcado pela categoria de predicado intradiscursivo.

Para Faria (1999, p. 29) o discurso possui uma dimensão intra e interdiscursiva simultaneamente. Ao mesmo tempo em que ela é organizada a partir do conjunto de percursos semânticos, temáticos ou figurativos, em seu predicado intradiscursivo, ela é constituída a partir das contradições que mantém com outra(s) formação(ões) discursiva(s).

Fiorin e Savioli (1996, p. 321) ressaltam o fato de que, frequentemente, falamos uma coisa para significar outra. Dizemos uma coisa, mas queremos que o ouvinte entenda outra. Para isso, existem diversos mecanismos linguísticos que possibilitam ao enunciatário estabelecer intencionalmente um conflito entre o que se disse e o que se quer dizer, como ironia, lítotes, preterição, reticência, eufemismo e hipérbole. Tais mecanismos linguísticos exercem, dentre outras, a função de fazer o enunciatário aceitar o que está sendo dito; de chamar a atenção do enunciatário com vistas a fazer estar de acordo; de dizer sem ter dito; de dizer menos para que se entenda mais; de dizer e afirmar não ter dito; de deixar subentendido o que se disse; de simular moderação para dizer enfaticamente; de fingir exagero para dizer atenuadamente.

Para exemplificarmos o mecanismo da ironia, podemos citar o comentário sobre a fala do deputado federal Themístocles Sampaio, que afirmou:

- (1) Quero dizer que empregarei meus parentes enquanto puder. Se puder amparar minha família toda, eu a ampararei, eu a empregarei. (VEJA – 16/02/2000, ed. 1636)

Ironicamente, é feito o seguinte comentário:

- (2) O deputado federal (PMDB – PI) Themístocles Sampaio é um homem exemplar que ampara seus familiares, empregando-os no serviço público.

A ironia está no fato de ser discutível, polêmico empregar familiares no serviço público, o que não tornaria o deputado um homem exemplar indiscutível.

Os lítotes, por sua vez, são mecanismos linguísticos com os quais se nega o contrário do que se quer afirmar, por exemplo:

- (3) João não é bem educado.

(ou seja, ele é mal educado) e

- (4) Ela não canta mal.

(isto é, ela canta bem).

Já com a preterição, nega-se que se queria dizer o que se disse, como na sentença “Sem querer interromper, mas já interrompendo” e, ainda, neste segmento do “Conto de Escola”, de Machado de Assis (1884):

- (5) Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção.

Por meio da reticência, criam-se suspensões, dizendo sem dizer. É o que podemos observar neste trecho de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1899, p. 78):

- (6) Estou certo, disse ele, piscando o olho, que dentro de um ano a vocação eclesiástica do nosso Bentinho se manifesta clara e decisiva. Há de dar um padre de mão-cheia. Também, se não vier em um ano...

O eufemismo, por sua vez, é um mecanismo linguístico de atenuação do que teria intensidade maior. Isto é, por meio dele, suaviza-se o que seria rude ou espantoso. A famosa expressão

- (7) Passou desta pra melhor.

exemplifica bem a tentativa de amenizar a morte.

Por fim, a hipérbole é um mecanismo pelo qual se pode exagerar o que, na verdade, é mais atenuado. Quando se afirma, por exemplo,

- (8) Estou morrendo de rir.

ou

- (9) Eu já te avisei um milhão de vezes para não falar com estranhos.

Nos dois casos, temos as expressões “morrendo” e “um milhão de vezes” sendo usadas para enfatizar, respectivamente, o quanto se está rindo e as muitas vezes que se avisou para não falar com estranhos.

A análise

Como afirmamos na introdução deste artigo, a reportagem jornalística “Sem discriminar domésticas, custo dobra”, publicada na *Folha de São Paulo* em 31 de agosto de 2008 por Rolli e Fernandes (2008), apresenta alguns posicionamentos sobre a trabalhadora doméstica e seu trabalho que serão analisados a seguir.

Podemos observar, inicialmente, que o título “Sem discriminar domésticas, custo dobra” subentende o percurso semântico do trabalho e apresenta, explicitamente, as personagens “domésticas”. Além disso, a partir desse título pode-se subentender que o custo habitual para se contratar uma empregada doméstica implica que a patroa (ou patrão) não reconheça à trabalhadora doméstica todos os direitos que são reconhecidos aos demais trabalhadores.

Em relação aos mundos discursivos (BRONCKART, 1999, p. 155), criados nessa reportagem, observamos que suas coordenadas apresentam-se, sobretudo, como “conjuntas”

em relação às do mundo ordinário da ação de linguagem. Ou seja, os fatos são colocados como sendo acessíveis no mundo ordinário dos interactantes e, por isso, são expostos. Contudo é possível que o gênero textual reportagem traga segmentos ancorados em origens espaço-temporais, o que pode ser verificado com as expressões “zona norte de São Paulo”, “aos sete anos”, “Durante 13 anos”, “Higienópolis (SP)” e “há dois anos” presentes nos segmentos a seguir:

- (10) Emereciana Lúcia de Oliveira trabalhou 45 dos seus 70 anos para uma família tradicional da zona norte de São Paulo. Na profissão de doméstica ingressou cedo, aos sete anos, quando ainda morava com a família em Minas Gerais. (ROLLI e FERNANDES, 2008, p. B3)
- (11) Durante 13 anos, Maria Gorette, 50, trabalhou três vezes por semana para uma família que reside no bairro de Higienópolis (SP) sem ter registro em carteira, sem receber férias nem 13º salário. Demitida há dois anos, Gorette decidiu correr atrás de seus direitos. (ROLLI e FERNANDES, 2008, p. B5)

Com isso, esses segmentos criam mundos “disjuntos” ao mundo ordinário das ações de linguagem. Esses mundos disjuntos pertencem a outra ordem, isto é, à ordem do Narrar, pois são de mundos situados em um “outro lugar”. No entanto, no caso dessa reportagem jornalística, o grau de desvio desse mundo disjunto é fraco, já que esse gênero veicula um conteúdo que pode ser interpretado e avaliado em relação aos critérios essenciais de validade do mundo ordinário. Tais segmentos são, portanto, de um “Narrar *realista*” em oposição ao “Narrar *ficcional*”, que, para Bronckart (1999), pode apenas ser sujeito a uma avaliação parcial.

Já em relação ao segundo subconjunto de operações que, de acordo com Bronckart (1999, p. 152), relacionam as instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições etc.) e sua inscrição espaço-temporal (mobilizadas no texto) com os parâmetros físicos da ação de linguagem em curso (enunciador, enunciatário e espaço-tempo de produção), verificamos que, no caso da reportagem analisada, os parâmetros das ações de linguagem são mobilizados (“implicados”) nesses textos por meio de unidades que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal e ao momento da interação que têm, por isso, valor exofórico. Como exemplos de unidades remetendo aos interactantes da ação de linguagem, podemos citar o pronome “nós” elíptico na forma verbal “lutamos” e “estamos”, o pronome “eu” elíptico na forma verbal “sei” e o pronome “Nossa” sublinhados nos trechos, transcritos abaixo, da reportagem jornalística (ROLLI e FERNANDES, 2008, p. B3):

- (12) Há 30 anos lutamos pelo FGTS obrigatório e por direitos que todos os trabalhadores de outras categorias têm [...].
- (13) Não estamos pedindo nada de extraordinário [...].
- (14) Nossa esperança é que a questão das domésticas se resolva agora [...].
- (15) Só sei que qualquer proposta vai enfrentar resistência dos próprios congressistas [...].
- (16) Hoje, os patrões já deduzem do salário do empregado os 8% que pagam de contribuição previdenciária [...].

Para exemplificar unidades que remetem ao momento da ação de linguagem, podemos citar as expressões “agora” e “hoje” nos exemplos (14) e (16). Nesse sentido, os agentes da ação de linguagem e os momentos dessas interações são explicitados por meio de referências dêiticas. Consequentemente, para se interpretarem completamente textos que apresentam essas características, segundo Bronckart (1999), é relevante conhecer algumas de suas condições de produção.

A análise desses dois conjuntos de operações demonstra que a reportagem jornalística “Sem discriminar domésticas, custo dobra” caracteriza-se pelo arquétipo psicológico denominado por Bronckart (1999, p. 156-157) discurso conjunto implicado. Assim, o tipo de discurso predominantemente criado nessa reportagem jornalística é o discurso interativo, tipo cuja correspondência é o “Mundo do Expor implicado”.

O próprio jornal em que a reportagem jornalística está publicada possui uma dependência do momento histórico de sua publicação. Sabemos que toda e qualquer reportagem jornalística está vinculada à data de publicação apresentada pelo próprio jornal. Se observarmos o trecho que inicia a reportagem,

- (17) Proposta de emenda constitucional que amplia direitos e está em estudo no governo deve chegar ao Congresso até o final do ano. (ROLLI e FERNANDES, 2008, p. B3) ,

notaremos que não há uma data explícita. Para saber o ano referido pelo texto, o leitor (enunciário) precisa recuperá-lo no cabeçalho do jornal, isto é, “Domingo, 31 de agosto de 2008”.

Foram vistos, porém, exemplos de segmentos ancorados em origens espaço-temporais que criam um “Mundo do Narrar implicado”, cujo tipo de discurso é o relato interativo. Como vimos anteriormente, o relato interativo nos textos dessa reportagem é de um “Narrar *realista*” (Bronckart, 1999, p. 153-154), que está sujeito a uma avaliação dos leitores (enunciários) do texto.

Os tipos de discurso presentes nessa reportagem jornalística apontam para uma estratégia de construção de textos que faça o leitor da reportagem se envolver com os problemas das trabalhadoras personagens. O texto se posiciona em favor das trabalhadoras domésticas e utiliza falas de outras personagens que possam dar credibilidade à defesa de mudanças na legislação brasileira que rege o trabalho doméstico, como a fala da personagem Luís Carlos Moro (advogado trabalhista):

- (18) A Constituição é discriminatória com essa categoria. A legislação que trata das domésticas está vencida e foi inspirada nas relações entre a casa-grande e a senzala. É resíduo cultural da época da escravidão. (ROLLI e FERNANDES, 2008, p. B1)

A escolha lexical do advogado (“discriminatória”, “vencida”, “casa-grande”, “senzala” e “escravidão”) mostra, explicitamente, o seu posicionamento contra a Constituição Brasileira diante do trabalho doméstico. Além disso, ele constrói o percurso semântico do trabalho escravo, opondo, implicitamente, o trabalho doméstico (escravo) aos demais trabalhos (livre).

O jornal afirma:

- (19) A precariedade nas relações entre patrões e empregados domésticos é identificada pela Justiça do Trabalho. De janeiro até a semana passada, 9284 empregados domésticos entraram com ações contra seus patrões na capital paulista, segundo o Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região. (FOLHA DE S.PAULO, 2008, p. B1)

Percebemos, nessas palavras, uma discordância explícita do jornal em relação à Constituição Brasileira. O léxico “precariedade” é o escolhido para caracterizar as relações de trabalho de “patrões e empregados domésticos” e representa um tema desenvolvido no

percurso semântico do trabalho. O alto número de empregados domésticos insatisfeitos (“9284”), bem como a citação de sua fonte (“o Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região”) dão credibilidade à causa em favor dessa categoria de trabalhadores.

Temos também as palavras do presidente do IPEA, Marcio Pochmann, que sugerem uma mudança para solucionar o problema das trabalhadoras domésticas:

- (20) É preciso implantar um novo regime contratual que permita estruturar a organização do setor empregador e valorizar a mão-de-obra. O trabalho doméstico deveria ser terceirizado e organizado por empresas. (FOLHA DE S.PAULO, 2008, p. B1)

Outro ponto que vale ser mencionado é o uso, no texto do presidente do IPEA, de modalizações deônticas que, segundo Bronckart (1999, p. 331), são avaliações que apresentam os elementos do conteúdo como sendo da obrigação social. São elas as expressões “É preciso” e “deveria”. Além disso, o conteúdo de toda a citação acima dá continuidade ao tema da necessidade de alteração da Constituição desenvolvido ao longo do texto.

Já a presidente do sindicato das trabalhadoras domésticas, a personagem explícita Emerenciana, é apresentada na reportagem jornalística em segmentos da ordem do Narrar:

- (10) Emerenciana Lúcia de Oliveira trabalhou 45 dos seus 70 anos para uma família tradicional da zona norte de São Paulo. Na profissão de doméstica ingressou cedo, aos sete anos quando ainda morava com a família em Minas Gerais. (FOLHA DE S.PAULO, 2008, p. B3)
- (21) Foi empregada, governanta e cuidou, como costuma dizer, de “uma dúzia de irmãos”. Há cerca de duas décadas, comanda o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo, filiado à CUT. (FOLHA DE S.PAULO, 2008, p. B3)

Os números, explicitamente apresentados na passagem acima, “45 dos seus 70 anos” e “sete anos”, deixam implícita (subentendida) a exploração da trabalhadora. Sabe-se que a mulher brasileira, desde a Constituição de 1967 (inciso XX do art. 158), possui direito à aposentadoria integral após 30 anos de contribuição previdenciária. Porém, somente em 24 de janeiro de 1976 (Decreto nº 77077) os empregados domésticos passaram a ser segurados obrigatórios.

Percebemos que não é possível apreender do intradiscurso que a trabalhadora Emerenciana tenha se aposentado ou não; contudo, os 45 anos de trabalho são destacados e tendem a impressionar os leitores. Já a referência explícita à idade, à temporalidade em que Emerenciana iniciou o seu trabalho como doméstica – aos sete anos – tende a chamar a atenção do leitor. A figura de uma criança exercendo trabalhos domésticos aos sete anos de idade tematiza explicitamente o trabalho infantil, que é proibido no Brasil desde 1891 pelo Decreto nº 1313, que determinava os 12 anos como idade mínima para o trabalho.

Observamos, ainda no exemplo (10), modalizações apreciativas presentes nas expressões “família tradicional” e “ingressou cedo”, que evidenciam um julgamento, uma avaliação do próprio jornal. É interessante notar esse tipo de modalizador na medida em que um texto de discurso jornalístico tenderia à objetividade, a um discurso imparcial, ou seja, neutro. Todavia, os analistas do discurso, como Orlandi (2001, p. 09), afirmam que não há discurso neutro. Isso pode ser percebido em elementos linguísticos tais como os modalizadores apreciativos, pois estes, como nos revelam os exemplos extraídos da reportagem jornalística, são o ponto de vista de uma entidade avaliadora.

Emerenciana, ao afirmar que “Doméstico não é escravo” (FOLHA DE S.PAULO, 2008, p.3), deixa explícito seu posicionamento em favor de sua categoria, bem como explicita a sua manifestação contra a sociedade brasileira que, no século XXI, ainda possuiria uma representação do trabalho doméstico similar ao modo que era concebido pela sociedade brasileira escravocrata dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX.

Por fim, a Presidente do Sindicato dos Empregadores Domésticos do Estado de São Paulo, a personagem Margareth Carbinato, revela um posicionamento contrário aos apresentados anteriormente, como podemos observar em sua fala transcrita abaixo:

- (22) É preciso parar com esse negócio de encarar empregado como ente da família. Tem gente que paga 13º, férias e não pega recibo porque não quer melindrar o empregado. Só que esse empregado, que parece amigo, decide procurar a Justiça. E aí o patrão vai dizer que pagou tudo certinho na confiança, mas não pegou recibo. A Justiça acaba decidindo em cima do que está nas mãos dela, e o patrão, muitas vezes, acaba perdendo. (FOLHA DE S.PAULO, 2008, p. B3)

Percebe-se, no exemplo (22), a construção de uma imagem explicitamente negativa do trabalhador doméstico que “parece amigo”, mas, na medida em que procura a Justiça para processar o empregador, não o é. Por sua vez, o empregador é apresentado na expressão “pagou tudo certinho na confiança”, como personagem ingênua que confia na trabalhadora doméstica.

Em outro segmento da reportagem, continua a caracterização do empregador como uma personagem às vezes ingênua. Afirma-se que

- (23) O patrão não pode cair nessa [deixar a cargo do empregado o pagamento da contribuição previdenciária], pois o empregado já sabe que vai recorrer à Justiça para buscar seus direitos. (FOLHA DE S.PAULO, 2008, p. B3).

Com essa afirmação, o leitor pode subentender que o empregador é o enganado e o empregado é o enganador.

Apresentando a trabalhadora doméstica desfavoravelmente, a personagem Margareth não modaliza ao utilizar o advérbio “nunca” na afirmação de que

- (24) O patrão nunca deve deixar a cargo do empregado o pagamento da contribuição, pois, se o empregado não pagar a sua parte, o patrão será obrigado a pagar a dos dois depois. (FOLHA DE S.PAULO, 2008, p. B3)

Conclusão

Percebemos, com a análise realizada acima, que os leitores da reportagem podem ser levados a se envolver com os problemas da categoria de trabalhadoras domésticas. O jornal se posiciona, nessa reportagem, em favor das trabalhadoras e utiliza falas de personagens que possam dar credibilidade à necessidade de mudança da legislação brasileira que rege o trabalho doméstico, como a fala de um advogado e a do presidente do IPEA.

Já os posicionamentos da presidente do sindicato das trabalhadoras domésticas do município de São Paulo e da presidente do sindicato dos empregadores domésticos do estado de São Paulo são, como poderíamos esperar, contrários na medida em que cada uma representa classes distintas (a primeira, das domésticas e a segunda, dos patrões).

A personagem Emerenciana, representante das trabalhadoras domésticas, tematiza a luta pelos direitos dessas trabalhadoras e constrói representações negativas dos empregadores, bem como da sociedade brasileira, que veriam o trabalho doméstico com resquícios de uma sociedade outrora escravocrata. Já a personagem Emerenciana, representante dos patrões, representa as trabalhadoras domésticas como pessoas não confiáveis.

Portanto, na reportagem jornalística “Sem discriminar doméstica, custo dobra” (FOLHA DE S.PAULO, 2008), observamos que somente a presidente do sindicato dos empregadores domésticos constrói uma imagem negativa da trabalhadora doméstica. Todas as demais personagens que aparecem na reportagem, inclusive os enunciadores da reportagem que não se marcam linguisticamente na primeira pessoa, deixam explícitos os seus posicionamentos a favor da categoria das domésticas.

REFERÊNCIAS

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

FARIA, A. A. M. *Sobre Germinal: interdiscurso, intradiscurso e leitura*. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 1999.

_____. Metáfora, metonímia e contrato discursivo em *Germinal*, de Zola. In: MARI, H. (Org.) *Categorias e práticas em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2000.

_____. Aspectos linguísticos de discursos ficcionais sobre trabalhadores: os casos de *Germinal* e *Morro Velho*. In: MELLO, R. de (Org.) *Análise do discurso e Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *O Regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo, Atual, 1988.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

GRANT JOHNSON, J.; KAPLAN, CH. D. Talk-in-the work, aspects of the social organization of work in a computer center. *Sociolinguistics Newsletter* X, p. 2-10, 1979.

HABERMAS, J. *Théorie de l’agir communicationnel*. Paris: Fayard, 1987. 2v

LACOSTE, M. Paroles, activité, situation. In: BOUTET, J. *Paroles au travail*. Paris: L’Harmattan, 1995.

MACHADO DE ASSIS, J.M. *Conto de Escola*. 1884. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/contodeescola.htm>>. Acesso em: 26 out. 2011.

_____. *Dom Casmurro*. 1899. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=164:romance&catid=34:obra-completa&Itemid=123>. Acesso em: 26 out. 2011.

MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Bruxelles : Pierre Mardaga, 1984.

- NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (Org.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- RICOEUR, P. *Du texte a l'action: essais d'hermeneutique II*. Paris, 1986.
- ROLLI, C.; FERNANDES, F. Sem discriminar domésticas, custo dobra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Dinheiro, p. B1, B3-B5, 31 ago. 2008.
- VEJA. São Paulo, ed. 1636, 16 fev. 2000. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/160200/vejaessa.html>>. Acesso em: 27 ago. 2012.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Série Psicologia e Pedagogia).